

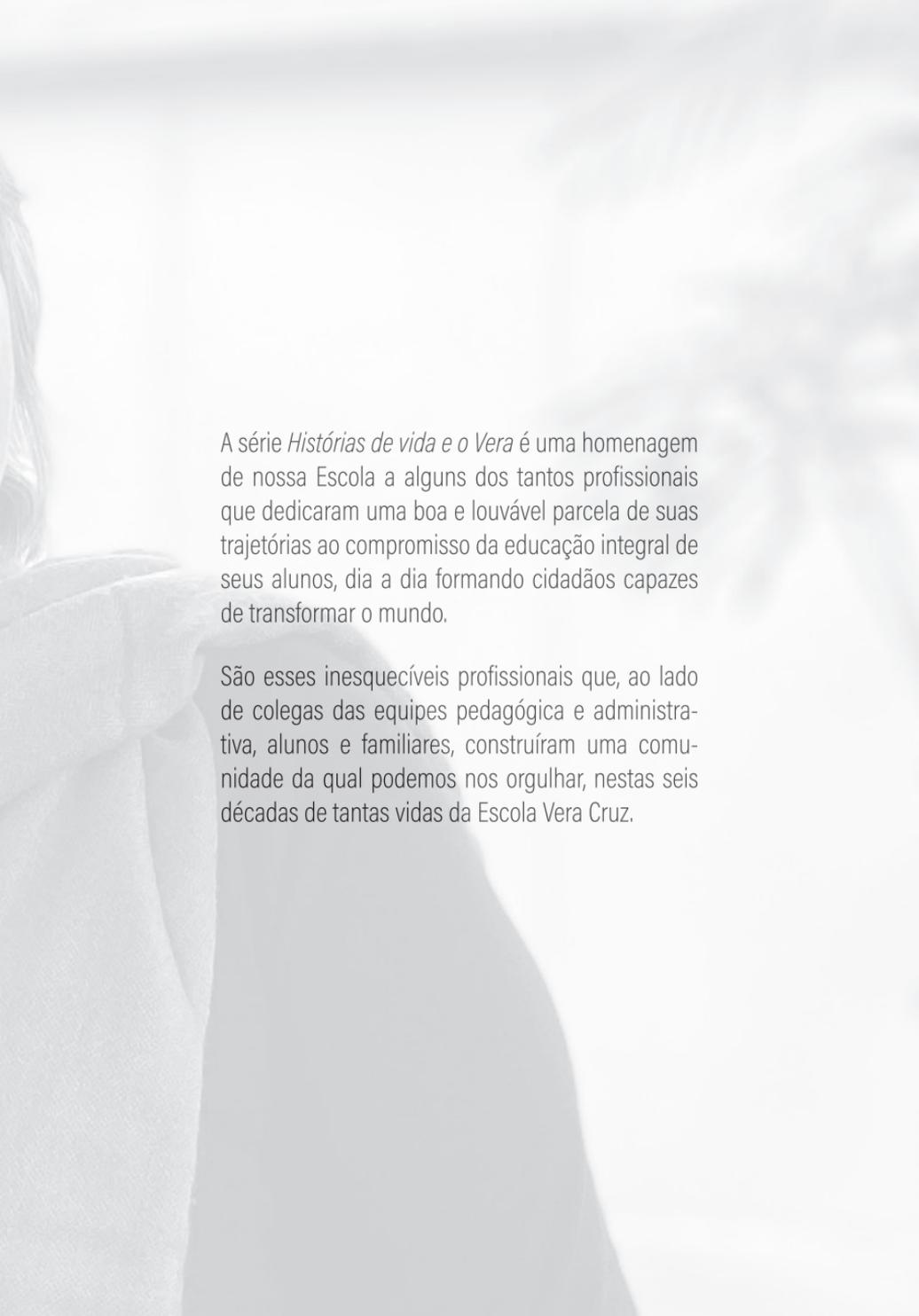
Histórias de vida e o Vera

A literatura como força motriz



Cristina Maria Macedo Tomaz (Cris)

Professora especialista de Biblioteca, 6ª ao 9º ano



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

Priscila Pires (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Cris começou a trabalhar no Vera em 1989.
Ela se despediu da Escola no final de 2020.

A literatura como força motriz

Uma mineira em São Paulo

Sou mineira lá do Triângulo Mineiro, de uma cidade chamada Ituiutaba. Nasci em 1955. Quando teve a ditadura militar, eu estudava num colégio de freiras, e as freiras disseram: "Gente! O Brasil está sendo invadido aqui pelos comunistas!". Eu nunca esqueci isso, e olhando, então, para nossa história hoje, que a gente vive, é impressionante! Parece que estou voltando a quando eu era criança, no contexto histórico de hoje.

Sempre fui apaixonada por literatura. Naquela época não tinha biblioteca na minha cidade, mas estudei numa escola particular, porque meus pais não tinham condições financeiras, mas priorizaram uma boa escola, uma boa educação. Minha mãe dizia: "Olha, a mulher tem que ser independente".

E eu tinha uma professora que apresentou para a gente *Meu pé de laranja lima*. Como não tínhamos o livro, ela lia a cada semana um capítulo. Nunca vou esquecer isso. Primeiro com a identificação do personagem. Até hoje, quando apresento esses livros para os meus alunos, digo: "Gente, esse livro tem

história. Vão lá falar com os avós, com os pais de vocês, porque esse livro faz parte da memória do Brasil, de um monte de mulheres, mais do que de homens". O que é você poder se identificar com o personagem, viajar, ir para outros lugares, conhecer outros mundos, mesmo você estando ali, naquela cidadezinha pequena, não é?

Na minha cidade não tinha faculdade, então fui para Goiânia. Eu queria fazer Jornalismo, mas eu não tinha grana, trabalhava de recepcionista e tinha uma grana pra pagar o lugar onde eu morava. Então, não podia pagar a faculdade. Aí, eu fui ver as vagas disponíveis. E eu queria fazer Jornalismo, mas eu fui lá. Tinha muita procura, eu falei: "Não vou passar". Eu queria o quê? Mudar o mundo! Então me encantei com o quê? Com Ciências Sociais, não é?, para mudar o mundo.

Fiz para Ciências Sociais pensando nisso, mas na verdade o Jornalismo me encantava mais. Passei em 6º lugar na universidade federal. Falei: "Puxa vida! Que pena, por que que eu não fui com o Jornalismo?". Quem sabe, perderam uma jornalista? [Risos].

Logo conheci muita gente de teatro ali, e lembro que teve um rapaz que se aproximou de mim, mas na verdade esse cara es-

tava investigando. Uma pessoa falou: "Olha, sai fora desse cara, porque ele é da polícia, está investigando umas pessoas aí que você conhece, ligadas ao teatro". Isso tem a ver com a história do Brasil, regime militar e tudo isso. E eu querendo, com toda a minha geração, transformar o mundo.

Acabei namorando meu marido. Ele veio para São Paulo, tinha família aqui, e eu vim para cá. Fui fazer licenciatura, e lá um professor me disse: "Olha, tem uma escola maravilhosa, chama-se Vera Cruz". Estava grávida de meu segundo filho. Me falaram mil coisas: "A escola é revolucionária, nossa... puro Paulo Freire". Peguei o carro [risos] e parei na pracinha. E já me encantei com o verde: "Nossa! Como esse povo aqui olha para o verde! Tão bonito isso, tudo aqui é lindo...".

O Vera ou a vida

Marcinha trabalhava na Secretaria: "Escuta, como é que a gente faz pra trabalhar aqui?". E ela: "Ah, é simples!". Pensei: "Imagina, se uma escola tão famosa, vai me chamar. Nem tenho tanta prática assim".

Antes, dei aula numa escola pública também, por pouco tempo, substituindo uma pessoa, e numa escola na Lapa, de magistério.

Eu não sabia nada, mas tinha vontade e pesquisava muito. e os alunos me adoravam! [Risos]. Lembro que eu queria levar Paulo Freire para eles, mas o diretor me chamou: "Olha, aqui não é bem assim..." .

Bom, acho que em agosto me ligaram: "Olha, você está convidada para fazer um estágio". Lembro que era naquela sala, onde hoje é o Ateliê de Invenções. Me lembro da Stella [Mercadante, ex-diretora] e da Dudu [Cavalcanti, orientadora]. Acho que foi por causa desse meu que a Stella gostou de mim, porque experiência eu não tinha tanta assim.

Sabe o que me encantou? A polivalência. E eu falava: "Gente, esses alunos obedecem, como eles são!", "Como assim?! O que que acontece que essa professora sabe tudo? E ela conhece os alunos!", "Nossa, olha o TP [Trabalho Pessoal]", fiquei encantada. Não que as crianças não falassem, não tivessem questões, não é isso, mas tinham um respeito, tinha algo ali. Assisti a uma aula da Teruco [Hayashida, de Ciências], ficava babando, ela brincando com os alunos. Assisti a uma aula da Flávia Aydar, que era professora de Organização Social e Política do Brasil. Fiquei encantada, não só com a aula expositiva, mas com o quanto não se tinha tanto a aula expositiva, com o quanto o conteúdo era trabalhado a partir do conhecimento dos alunos.

Quando vejo tantas revoluções que a gente faz aqui, penso: "Gente, o Vera já era revolucionário naquela época!"

Bom, no final do estágio, Stella ficou conversando comigo, falando de Minas, e eu falei: "Olha, nesse último encontro, eu não vou poder vir". "Por quê?!" "Você não está vendo? Eu tô grávida." Ela falou: "Nossa! Mas você está tão magrinha!". "É, mas o meu filho nasce agora. Então eu não virei." Ela disse: "Não, não tem problema. Você deixa aí o seu relatório".

Deixei o relatório, tive filho, passou um tempo, Stella me liga: "Olha, tem uma vaga. Você quer vir? Pra professora auxiliar". Meu desejo era vir, mas eu tinha duas crianças pequenas. Eu tinha um filho de 2 anos e um bebê, e sem família aqui. Conversei com meu marido: "Mas eu estou tão tentada, fiquei tão encantada com aquela escola, nunca vi algo assim". Ele falou: "Mas, como?". Decidimos que não daria. Liguei e falei: "Olha, Stella, sinto muito, mas...". Ela explicou que tinha um volume de trabalho muito grande, que tinha que levar coisa para casa, mas olha, eu quero que você venha para cá. Uma hora você vai vir. Falei: "Ah, uma hora dá certo".

Outro dia, Stella de novo: "Agora tem uma vaga para a biblioteca. O que que você acha? Você se vê numa biblioteca?". Falei:

“Nossa! Só me vejo! Eu amo ler”. Era uma sala pequena, não do tamanho da que a gente tem hoje. Não esqueço que tinha uma lanchonetezinha da Escola. Então, você estava dando aula, e a moça estava batendo lá o suco, ou fritando o hambúrguer. E os alunos: “Nossa! Que fome, Cris! Deixa a gente sair cinco minutos antes!”.

O Vera, enfim

E eu vim, sem conhecer regra nenhuma de biblioteconomia. Eu só frequentava a biblioteca, mas conhecia muito pouco. Vim e fiz o estágio, morrendo de medo. “Será que vai dar certo...?”

Então comecei a dar aula de Biblioteca. Stella me chamou e disse: “Olha, até agora ninguém parou nessa biblioteca, as pessoas entram, começam, falam que não têm muito o que fazer; o interesse delas é ir para a sala de aula”. Pensei: “Bom, já eu...”. Porque hoje você fala de projeto de biblioteca, de leitura, você tem milhões, mas em 89 não tinha, a gente era muito inovadora. Pagar um profissional para ser o professor de Biblioteca. Era um investimento da Escola.

Um dia, Stella falou: “Cris, a última pessoa aqui falou que achava bobagem participar das reuniões de série, que só a reunião

geral estava ótimo. Queria que você fosse na reunião de série, para você me contar”.

Fui e fiquei encantada! Diria que fiquei encantada e amedrontada, porque aquelas mulheres sabiam tudo! Adorei porque eu bebia do conhecimento daquelas pessoas. Trabalhei sempre muito junto com a Stella e, na verdade, eu não tinha uma chefe, era direto a Stella. Eu sempre discutia com ela um monte de coisas. E disse a ela: “Olha, eu não me vejo sem ir para a reunião de série. Eu preciso saber o que está acontecendo, preciso interagir com esses professores, para, inclusive, estar preparada para essa aula de Biblioteca”.

Uma outra coisa que me encantou no Vera foi a forma como os funcionários eram tratados. Tinha a Cida, a Cida do portão, um ícone do Vera Cruz, não só para os alunos, mas para a Direção. Essa é uma das coisas mais bonitas e mais humanas que me encantaram. Me lembro de Stella dizer: “Olha, nós temos vocês, educadores, mas temos todos os nossos funcionários, educadores também. Eles estão junto com a gente”. E a gente fazia umas festas de final do ano e falava: “Gente, sabem quem é o melhor orientador dessa escola? O Leo [de Oliveira, inspetor de alunos]”. Porque o Leo conhecia todos os alunos.

Viver, aprender, compartilhar

Esses dias, eu estava pensando no quanto a gente discutia exaustivamente tudo, chegava até a cansar de tanto que a gente discutia pedagogicamente, emocionalmente. Era a garrafinha d'água, estava muito calor, "mas o aluno pode levar a garrafinha d'água para dentro da sala de aula ou não pode?". A gente discutia tanto. Tinha hora que a gente falava: "Chega! Pelo amor de Deus!". Mas era isso. Nada era mudado sem a gente ter um olhar em relação às mudanças. A gente brinca que chegava até a cansar, mas era isso. Nada era de graça. Nada do que se faz é assim, sem discutir, sem pensar muito, sem olhar sob todas as perspectivas.

Era uma troca muito grande com os professores. Mas nesse meu primeiro ano, cheguei ao final do ano e tinha uma avaliação. Uma professora nova falava: "Olha, você sabe que aqui no Vera Cruz é assim, você fica o primeiro ano, eles te avaliam e normalmente não é todo mundo que fica, viu? Eu não sei se a gente vai ficar". Lembro que eu fiquei tão assustada! Lembro que eu fui pra casa, chorava...

Bom, aí chegou o dia. Já tinha mandado um texto para Stella. E ela: “E aí? Eu quero saber de você. Como foi? O que você achou? Como é que foi essa experiência...?”. “Olha, eu fiz o meu melhor [risos]. Gostei muito dos alunos, mas eu não sei se eu consegui ser uma boa professora.” Acho que eu só dava conta deles, porque tenho esse meu jeito muito de brincadeira, de olhar pra eles e trazer a literatura. Acho que foi o que me salvou, eu não tinha tanta prática com adolescente. Aí, a Stella falou: “Você foi ótima! Adorei! Você é a primeira pessoa que fica e fala que gosta; eu só tenho boas referências em relação a você”. Isso foi muito importante, porque eu estava muito insegura. A partir desse ano, a gente foi formatando o que seria a aula de Biblioteca e que função tinha essa pessoa.

Teve um trabalho em conjunto com a biblioteca, de ensinar os alunos a fazerem pesquisa. Foi lindo esse trabalho! E nós fomos apresentar num congresso. Depois, apresentei o projeto da biblioteca em outros lugares. Agora, outra coisa importante: tínhamos a Malu [Zoega], professora e assessora de Língua Portuguesa. Eu falava pra ela: “Olha, não sei teoria literária, mas leio tudo o que você possa imaginar”. Eu tinha uma formação literária pela leitura, por coisas que eu lia que me interessa-

vam. Sempre gostei muito de ler e tinha formação na área de ciências humanas. Então, quando eu olhei para a biblioteca, o acervo, constatei que eu já tinha lido tudo aquilo lá.

A única coisa que eu não tinha lido era a literatura juvenil daquela época, que não foi a minha literatura. Lembro que, aí, eu peguei todos os livros do João Carlos Marinho, Pedro Bandeira. Esses autores que a molecada lia.

Uma vez, lembro que a Malu falou: "Olha, Cris, nós vamos ter uma reunião com os pais, tá? Quero você lá". E eu falava: "Malu, mas eu não sei nada, se eles me perguntarem alguma coisa, eu não sei o que eu vou responder". "Não, fique calma. Vamos lá." Aqueles pais altamente intelectuais, aquelas superdiscussões. Mas eu ali, aprendendo muito. No começo, aprendi muito. Sempre passei a vida aprendendo, aprendendo muito, olhando para aquelas pessoas mais velhas que tinham uma história, e mesmo as pessoas mais novas, que vinham e traziam seus conhecimentos.

O que me encanta, até hoje, no Vera? É esse espaço do aprender, de compartilhar, o tempo inteiro, essa troca. Acho isso fundamental para minha vida e pude entender isso para outros campos.

Mas eu queria voltar aos livros. Um dia, falei: "Malu, tenho tanta vontade de a gente fazer o seguinte: por que a gente indica um livro só? Por que a gente não pode fazer uma experiência...? Uma seleção, sei lá... Tem tanto livro legal! Vamos deixar eles escolherem".

A gente tinha um pedaço que era de ousadia, mas, ao mesmo tempo, de muita reflexão. A gente ousava muito internamente. Aí, a gente pensou: "Poxa, eles podiam fazer cartazes com o que eles leram, desenhos...". Qual era o objetivo? Chamar atenção, divulgar a leitura. Era o que a gente queria.

E tinha muito experimento também. Foi um período muito rico, de a gente poder ousar, experimentar, porque era tudo novo. A biblioteca estava se construindo, tinha bibliotecária, precisava estar adequada para os nossos alunos. Porque depois eles vão frequentar outras bibliotecas. Me lembro de ir com os alunos para a livraria. A gente teve um período em que nossos alunos eram praticamente todos filhos de professores da USP. Às vezes, você tinha discussões com alguns alunos que você pensava: "É bom você estudar, porque o que esse cara traz de casa...".

Imagine numa biblioteca de livre acesso, como a nossa. Isso foi outra coisa que me encantou. Eu nunca tinha frequentado

uma biblioteca em que os alunos podiam chegar lá, tirar livros. Só não podiam guardar, tinha umas regras. Lembro que a bibliotecária falava: “Nossa, aqueles livros estão tortos, não pode! Têm que ficar assim”. E pensei: “Meu Deus, como eu vou conseguir? Nessa biblioteca não poder ter nada fora do lugar...”. Fui conversar com a Stella. “Não, Cris, é o seguinte: a biblioteca é um espaço do professor de Biblioteca. Lá, você vai administrar. Claro que o livro tem que estar no lugar, obviamente, mas também não precisa, porque você nem vai dar conta de fazer isso.”

Minha história no Vera Cruz e a questão dos livros — como isso vai mudando! Estava me lembrando das livrarias, das editoras, de como isso vai se transformando.

Fui fazer um curso de contação de história da Regina Machado, que era o máximo. A gente acabou fazendo o clube de leitura. Fui fazer curso particular com a Malu, para entender um pouco mais de literatura, leitura e outras coisas também. Fiz um na PUC, além de outros.

E tinha a banca de jornais. Naquela época se vendia muita coisa boa para banca. Gente, é incrível. Eu lembro que tinha uma coleção de cachorrinhos que os alunos amavam! Livros informativos e tal. Na banca eu tinha uma verba, podia até comprar.

"Nossa, saiu Shakespeare na banca!" Eu tinha lido a *Odisseia*, na minha formação mesmo, antes de vir pro Vera. Mas eu lembro que quando eu cheguei, queria ler para os alunos. Eu tive que comprar. E não era como hoje, com boas adaptações, essa variedade, e tantos autores, tradutores se debruçando, discutindo alguns livros. A Marta [Ferraz], professora de Biblioteca do nível 2, lia a *Odisseia* em fragmentos e eu também. Os alunos ficavam encantados.

O projeto Vaga Lume começou com a gente, com a biblioteca. Nós arrecadamos os livros. Fui numa viagem em que a gente ficou dez dias andando, lá em Portel, de barco. Lembro que eu nem recebi por essa viagem, mas a gente ia! Que receber, o quê! A gente adorava, ia! E a Silvia, da expedição Vaga Lume, foi minha aluna também.

A biblioteca tinha essa possibilidade de criar, de apresentar o livro, de passar o tesão pela literatura. É nisso que eu acredito, ler, compartilhar, mas precisa mostrar desejos. Sem desejo, a gente não constrói. Acredito muito nesse desejo, nesse prazer pela leitura. Espero que eu tenha passado isso pras pessoas, esse desejo de ler e de conhecer o mundo, de se aprofundar, de poder viajar, viver outras pessoas, outras coisas.

E em todas as áreas do conhecimento, a gente foi montando inúmeros projetos. Daniel [Helene, coordenador] comentou uma coisa comigo, quando eu saí: "Parece que a literatura no Vera ficou muito na sua mão; você é uma referência muito marcante aqui, para os professores."

Talvez seja isso, essa paixão que eu tenho e quero passar isso pros alunos, mesmo no ano virtual. Acredito no conteúdo de um jeito gostoso, prazeroso. E acho que a gente não ensina se a gente não tiver paixão.

Mais caminhos

Por conta do Vera Cruz fui pra ACTC [Associação de Assistência à Criança e ao Adolescente Cardíacos e aos Transplantados do Coração], uma ONG que tem 20 anos. Estou lá há 17 nessa onda. O objetivo é acolher e dar assistência para mães ou pais do Brasil inteiro que vêm para o Incor e o HCor, cujos filhos têm problemas sérios cardíacos. Essas pessoas vêm e, às vezes, ficam um, dois anos, esperando um coração. Essas pessoas não têm como se manter aqui. Fui convidada por essa ONG para fazer um trabalho de leitura e escrita. Boa parte é semianalfabeta. Olhando para aquelas mulheres, uma fazia tricô, outra crochê. Tinha uma biblioteca. Me lembro de livros que eu tinha acabado de comprar

na biblioteca e me arrepiei, por que vi um menininho brincando, esfregando aquele livro novo, caro, ali no chão. Fui vendo que para aquelas pessoas aqueles livros não significavam nada.

Propus arrumar essa biblioteca, e elas arrumavam tudo bonitinho. Aí, comecei a contar histórias. Peguei livros de folclore ou histórias de tradição oral e comecei a ler. Aí, uma delas falou: "Ah, mas isso eu conheço! Nossa, uma história desta no livro?". Então, comecei a inverter: "Bom, quero ouvir as histórias de vocês agora". Recolhi essas histórias, digitei, entreguei pra Stella. Márcia Leite [assessora de Língua Portuguesa], que era editora, falou: "Gente, isso aqui é uma preciosidade. Vamos publicar esse livro", e o livro foi publicado. Depois, publicamos mais um outro livro. E estou lá até hoje. Faço um trabalho de literatura e bordado. A literatura está sempre em mim. Jamais me abandona. Vou sair daqui e já vou para a livraria [risos].

Bom, mas onde é que eu vou colocar todo esse desejo e essa paixão? No trabalho, não é?

Não foi fácil sair. Eu fui me preparando, porque acho que tem um momento que a gente precisa sair, e eu queria fazer outras coisas, ter mais tempo livre. Acho que é importante a gente também reconhecer que tem um limite. Fiz 66 anos, saí com 65. O mundo

é maior que o Vera Cruz. Aqui é muito bom, mas tem outras coisas também. Eu lembro que eu ficava na biblioteca entre alguns intervalos, e Nádya [Dimitrov, assessora pedagógica] ia ler o jornal. A gente acabava conversando, e ela dizia: "Cris, nunca fique num lugar só. Sempre estude outras coisas; a gente não pode ficar parada, precisa sempre estar estudando, fazendo outras coisas". E é bom ter pés em diferentes lugares, isso é muito importante. Você circula mais, aprende de outros lugares também.

Aí, resolvi fazer o mestrado da PUC. Marta também estava fazendo o dela na USP. Passei nesse curso de Literatura na PUC, que era o mestrado. Quando eu fui falar o horário, era na terça-feira, o dia inteiro. E era exatamente no dia que eu tinha a reunião. Não tinha como. Não pude ir, mas continuei com essa coisa do mestrado na minha cabeça: "Quero estudar, quero ampliar, quero escrever, quero...".

Sempre gostei muito dessa coisa da memória, a memória me pega! Eu estava muito capturada pelo meu trabalho com a literatura, com as mulheres, com a questão da morte também, porque lá a gente convive muito com a morte, morre muita criança. É um constante luto. Tanto que lá elas me conhecem como aquela que traz a vida. Porque eu vou e falo: "Vamos embora, vamos ler, vamos mudar isso. A gente chora junto".

Então fiz um curso na PUC como ouvinte, na área da Antropologia. E fiz o meu mestrado tendo como tema a ACTC. Foi maravilhoso para mim e até para a Escola. Fazer um mestrado, não importa a área, importa que você se aprofunda, tem que ler muita coisa. Sou uma defensora do mestrado [risos].

Diria que devo muito à Escola até nessa escolha da Psicanálise, que tem muito a ver com essa formação que a Escola nos dá. Porque a gente tá olhando o outro, o aluno. E a gente não tem ideia do que a gente sabe. Você só sabe o que você sabe na hora que você sai. Faz parte do seu dia a dia, não é? Mas não é. Tá ali, tá entranhado, esse desejo de estudar, de entender o outro, de enxergar, não julgar, não moralizar. Acabei indo pra Psicanálise e tô estudando pra caramba, com um monte de curso e... lendo literatura, participando de grupos, de coisas de literatura, porque não dá pra ficar sem [risos].

Por último, uma história

Lembro que eu sempre cheguei às 7h30 da manhã. A Stella falava: "Cris, de manhã cedo a biblioteca tem que estar aberta". Teve até um episódio interessante. Um dia tomei um remédio à noite, por causa de uma infecção. Estava sozinha. E perdi a hora! O povo ficou desesperado! Porque, às 7h30 da

manhã, a biblioteca não tinha luz. Ligaram pra minha casa! "Aconteceu alguma coisa com a Cris!" Então, esses auxiliares de biblioteca foram pessoas muito importantes. Agora entrou a Claudinha [Oliveira Mota], que é uma paixão. Uma menina que é do interior da Bahia, mas ávida por aprender, ler! Eu diria que fiz uma boa formação com ela. E ela tá fazendo pós em Alfabetização.

Em relação ao projeto da biblioteca, eu poderia falar mais alguma coisa? [Risos.]

Depoimento concedido em 27 de outubro de 2021, na Escola Vera Cruz





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

